



Editorial

Elizabeth del Socorro Ruano Ibarra

Editora Chefe

Universidade de Brasília - UnB

e-mail: elizabeth@unb.br

João Francisco Kleba Lisboa

Editor Convidado

Universidade Federal do Paraná - UFPR

e-mail: jfklisboa@gmail.com

O presente número é testemunha da consolidação editorial da Interethnic@. Desde 2017 retomamos a periodicidade das nossas publicações e renovamos o conselho editorial, buscando aprofundar a representatividade étnica, de gênero, geográfica e disciplinar. A partir do terceiro número de 2018 concluímos a migração do conteúdo publicado e iniciamos a divulgação da revista na plataforma OJS 3X. A partir desse momento adotamos também o uso do DOI.

A publicação atual é resultado do trabalho colaborativo de mais de um profissional na função editorial. Neste caso, desde o segundo semestre de 2018 a revista passou a contar com o apoio de João Francisco Kleba Lisboa (UFPR) como editor convidado. Nesse percurso, sob a modalidade de 'aprender fazendo', a editora-chefe orientou a inserção de editores convidados estimulando a autonomia editorial e visando a editoração de números futuros. Essa estratégia colaborativa tem potenciado, dentre outras complementariedades, a vinculação de avaliadoras e avaliadores de diferentes instituições que compõem as redes pessoais e institucionais dos novos colaboradores.

A avaliação de manuscritos torna-se um aspecto particularmente sensível na editoração de revistas científicas, pois se trata de um trabalho dispendioso em tempo e esforços, não remunerado e com incipiente reconhecimento no sistema de avaliação de desempenho de pesquisadoras e pesquisadores. Nesse sentido, angariar novas avaliadoras e avaliadores revela-se fundamental para garantir o rigor das contribuições a serem publicadas.

Junto ao rigor impõe-se o caráter de novidade e pertinência sócio-política dos trabalhos divulgados. Nessa ordem, o dossiê que compõe este número buscou oportunizar o acesso das(os) leitoras(es) às narrativas das(os) pós-graduandas(os) do MESPT-UnB. A leitura desses artigos nos conduz, principalmente, a tensionar a aproximação rotineira que costumamos fazer diante de dinâmicas sociais distantes. Nesses trabalhos a multiplicidade de vozes e de 'mundos de vida' evidenciam modos alternativos de fazer-conhecer, o que conhecemos como pluralidade epistêmica. Para tanto, essas contribuições apontam para desnaturalizar o monopólio científico e as formas canônicas de 'aprender-construir-ser'.

Para nós que nos envolvemos na avaliação e editoração desses manuscritos essa experiência, pautada pelo ritmo das análises descolonizadoras, se colocou como

questionadora das padronizações tanto na sistematização dos resultados da pesquisa social quanto na sua divulgação. No primeiro caso, as exigências formais e os procedimentos acadêmicos foram tensionados pela legitimidade da enunciação de sujeitos epistêmicos que, na origem das ciências sociais, foram catalogados enquanto ‘objeto’. Nesse dossiê, suas autoras e autores nos apresentam “sujeitos epistêmicos coletivos” e ‘pesquisas coletivas’ em que a oralidade foi transformada em ‘escrita em colaboração’ graças à sensibilidade e deslocamento epistêmico das orientadoras e orientadores.

Esses aspectos, sensibilidade acadêmica e deslocamento epistêmico, pareceram ser requerimentos incontornáveis para o diálogo entre epistemes diversas. Essa constatação alcançou seus contornos durante a avaliação “cega” dos manuscritos. Como podemos nos tornar cientistas sociais com aptidões de compreensão de epistemes diversas? Como diferenciar a falta de rigor do enquadramento em uma episteme outra na produção de uma narrativa das ciências sociais?

Nosso trabalho enquanto editores, portanto, fazendo a intermediação entre organizadoras, autores e avaliadores, consistiu justamente em procurar situar-se e agir nesse ‘entre’ (como indica o prefixo ‘inter’) que é próprio da coexistência de diferentes sujeitos em espaços como este, marcados pela pluralidade, pelo valor da comunicação e pela preocupação social. Mas constatamos, no decorrer do processo, que esse ‘entre’ é também a marca por excelência de algumas categorias-chave aqui trabalhadas e elaboradas, como em *interétnica* ou *intercultural*, bastando para isso lembrar-nos de termos já clássicos como fronteira ou fricção, ou ainda acompanhar os intensos debates que os movimentos indígenas vem fazendo em torno da educação escolar e universitária.

Esse tão propalado e almejado entre-lugar cultural, étnico e epistêmico, mais do que uma definição teórica (calcada, todavia, na insuficiência e na inconsistência das definições teóricas em torno de cultura, povo, conhecimento etc.), foi aqui sentido e vivido por nós enquanto uma série de desafios práticos. Ou melhor, enquanto uma cuidadosa práxis que, mesmo estando ligada à vida acadêmica e nela inserida, é a todo momento chamada a experimentar o seu lado de fora, a largar a segurança confortável (ainda que muitas vezes maçante ou monótona) desse conjunto de regras, protocolos e cacoetes, e a mergulhar, não na ilusão acolhedora de uma alteridade idealizada e redentora, mas no espaço em devir do encontro entre diferentes agentes de comunicação e transformação.

Boa leitura!